

Sustentabilidade

Uma necessidade, um desafio, uma oportunidade



Avanços econômicos, sociais e ambientais concomitantes são indispensáveis para o futuro da humanidade e do planeta

Um dos economistas mais reconhecidos do mundo e professor da Universidade de Columbia, Jeffrey Sachs, aponta, em um de seus livros*, “desenvolvimento sustentável” como um “conceito básico para a nossa era”, e que ele se refere tanto a uma forma de entender o mundo, quanto a um método para resolver problemas globais, compondo, nas suas palavras, “um fascinante e ativo campo de pensamento e ação”. O protagonismo do tema na contemporaneidade justifica-se pela condição de que, sem avanços em direção a um mundo economicamente viável, socialmente justo e ecologicamente correto, o futuro com a presença humana no planeta é improvável – quiçá inviável. Não à toa, em 2015, todos os Estados membros da Organização das Nações Unidas (ONU) comprometeram-se com uma Agenda para o Desenvolvimento Sustentável, um plano elaborado, de forma compartilhada, ao longo de décadas. Ela contempla a busca por 17 grandes objetivos – desdobrados em 169 metas –, integrados e indivisíveis, que equilibram as dimensões econômica, social e ambiental, a serem atingidos até o ano de 2030 (ao longo das próximas páginas todos serão citados, acompanhados pelo ícone correspondente criado pela ONU).

Os desafios para alcançá-los permanecem gigantes e a necessidade de mudar as formas de produzir, consumir, fazer e distribuir segue como tarefa a ser realizada ou em andamento. Porém, paralelamente, perseguir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) pode representar oportunidades. A head de Relações Institucionais e Sustentabilidade da Lwart Soluções Ambientais, Aylla Kipper, considera, por exemplo, que a busca pela sustentabilidade pode levar a uma maior compreensão e aproximação da realidade e a um “capitalismo de stakeholders”, ou seja, um capitalismo mais humanizado, inclusivo e baseado na ideia de geração de valor para todos. “O mundo está em transformação para uma economia verde, mais limpa, inclusiva e atenta aos direitos humanos. O Brasil, por suas características físico-geográficas e sociais, aparece como um dos Estados com maior potencial para liderar essa agenda – e dela se beneficiar. Temos a oportunidade ímpar de promover a redução de injustiças sociais, inclusão e prosperidade com base em atividades de baixo carbono e que não esgotem nossos recursos naturais, criando empregos qualificados e atraindo investimentos.



ciempies

Acreditamos que nessas 12 propostas reunimos o que há de mais prioritário para a agenda da sustentabilidade nos próximos anos, considerando a realidade brasileira”, diz Marina Grossi, presidente do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), entidade que atua em favor da transformação das práticas organizacionais e políticas públicas, e cujas associadas integram os mais variados setores da economia. As 12 propostas a que a dirigente se refere compuserem uma “Carta Aberta aos Presidenciais”, entregue aos principais candidatos às eleições de 2022 e a membros do atual governo, posteriormente reforçada com a publicação da “Agenda CEBDS - Por um país sustentável”. Os documentos sugerem medidas relacionadas a temas como combate ao desmatamento ilegal, criação de mercado regulado de carbono, transição energética, saneamento básico e inovação tecnológica.

— ENGAJAMENTO —

Há mobilizações em diferentes áreas e setores em torno do desenvolvimento sustentável. Com relação às empresas, a presidente do CEBDS diz que esse é o “único caminho possível para os negócios”. Segundo ela, o cenário global desafiador afeta diretamente o setor produtivo, e essa condição deve promover a transformação para um novo modelo de desenvolvimento, uma demanda que vem da sociedade e dos investidores. “Qualquer ação em direção oposta a essa”, pondera a executiva, “significa perda de competitividade,

represálias comerciais e prejuízos às organizações, afetando a criação de receita, de empregos e de renda”. Assim, segundo Marina, negócios que não considerarem na sua gestão questões ambientais, sociais e de governança (ESG, na sigla em inglês) terão cada vez mais dificuldade de prosperar. “Hoje, a maior parte do setor empresarial sabe que a adoção de práticas sustentáveis, como a consulta ampla aos seus stakeholders, é um fator competitivo, que atrai investimentos e impacta positivamente na imagem da empresa”, avalia.

O desenvolvimento sustentável é pauta constante, também, entre gestores públicos, em escala mundial ou local, e resulta em ações e discussões variadas. Em janeiro deste ano, por exemplo, o Governo Federal brasileiro reconstituiu a Comissão Nacional para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, extinta em 2019. O órgão é responsável por internalizar, difundir e dar transparência ao processo de adoção da Agenda 2030, e por promover a articulação, a mobilização e o diálogo com os entes federativos e a sociedade civil. Em meados de junho passado, órgãos públicos da administração federal, associações estaduais, entidades municipalistas, redes nacionais, especialistas e representantes da sociedade civil e da iniciativa privada participaram do primeiro Encontro dos Diálogos para Retomada da Agenda 2030 e dos ODSs, o que marcou o resgate dos debates para acelerar ações e cumprir com os objetivos pactuados.

— AVANÇOS —

No último dia 10 de julho, a ONU divulgou um comunicado em que alerta sobre a necessidade de intensificar os esforços globais para alcançar os ODSs. Sem isso, de acordo com a entidade, corre-se os riscos de exacerbar instabilidades políticas, desestabilizar economias e ocasionar danos irreparáveis ao meio ambiente. No Relatório sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 2023: edição especial, a ONU calculou, em avaliação preliminar, que das aproximadamente 140 metas para as quais há dados disponíveis, apenas 12% estão bem encaminhadas. Mais da metade, embora apresentem progresso, apresentam-se moderada ou gravemente comprometidas. Ainda: 30% não avançaram ou regrediram. O cálculo da entidade é de que se o ritmo atual for mantido, em 2030 permanecerão na pobreza extrema 575 milhões de pessoas e cerca de 84 milhões de crianças e jovens seguirão fora da escola. Todavia, a ONU destaca que há avanços importantes que deixam evidente a possibilidade de alcançar os ODSs no prazo, desde que haja ação coletiva, vontade política e uso efetivo de tecnologias, recursos e conhecimentos disponíveis. Para conhecer as metas atreladas a cada um dos objetivos, consulte o site das Nações Unidas no Brasil (<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>)

* A Era do Desenvolvimento Sustentável, lançado em português pela editora Actual, de Lisboa.

COOPERAÇÃO

Diálogo e engajamento são fundamentais

Entidades e companhias adotam e compartilham melhores práticas e interagem com seus públicos para avançar em sustentabilidade

O texto da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas enfatiza a necessidade de existirem a aliança e a colaboração de todos os países e de todas as partes interessadas (o que inclui governos, organizações, sejam públicas ou privadas, e pessoas) na busca pelo desenvolvimento sustentável. “O mundo enfrenta, simultaneamente, três grandes crises globais: a mudança climática, a perda de biodiversidade e o aumento da desigualdade social. E essas crises não podem ser resolvidas com iniciativas individuais ou setoriais. São desafios enormes e interconectados, que exigem um trabalho conjunto de governos, empresas, academia e organizações da sociedade civil”, corrobora Marina Grossi, presidente do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS).

Entidades como o próprio CEBDS cumprem um papel importante para a criação coletiva de sugestões e/ou soluções para impulsionar o desenvolvimento sustentável. No caso do Conselho, sua atuação se dá em diversas frentes, incluindo um trabalho de advocacy, para contribuir com a construção de políticas públicas sustentáveis; a produção de posicionamentos e ações conjuntas que fortalecem o engajamento das organizações; a originação de conhecimento, muitas vezes baseados nas trocas de experiências entre as suas associadas; e a elaboração de ferramentas que ajudam a colocar em prática ações sustentáveis. Com relação a esse último aspecto, o CEBDS desenvolveu, por exemplo, as plataformas Net Zero e Ação pela Natureza, focadas, respectivamente, em apoiar as empresas em suas jornadas de descarbonização e na redução de seus impactos sobre a biodiversidade.

Também Felipe Faria, CEO do Green Building Council Brasil (GCB), organização que trabalha com a missão de transformar a indústria da construção civil e a cultura da sociedade em direção à sustentabilidade, destaca a



rbhavana

“colaboração” como atributo da atuação do GCB, e de seus associados e parceiros. A mudança na indústria da construção no Brasil, segundo ele, emana dessa rede integrada por diversas associações de classe, ONGs, iniciativa privada, veículos de imprensa, empresas públicas, entre outros. “Quando mencionamos a importância de uma visão holística para identificar as influências diretas e indiretas da atividade construtiva e objetivar a maximização equilibrada dos ganhos sociais, ambientais e econômicos, enfatizamos que precisamos investir em inteligência e multidisciplinaridade. Isso está sendo possível graças ao ambiente colaborativo”, afirma o dirigente.

EMPRESAS

Na avaliação de Silvia Cabral, superintendente Socioambiental e de Sustentabilidade da Norte Energia, responsável pela construção e operação da Hidrelétrica Belo Monte, maior usina 100% brasileira, há um movimento importante no sentido de companhias engajarem-se com a agenda de desenvolvimento sustentável. Isso se dá, segundo ela, não apenas por meio de iniciativas próprias, mas também pelo apoio a políticas públicas e a governos – federal, estaduais ou municipais –, que muitas vezes têm menor velocidade para atuarem em relação a demandas específicas de diferentes regiões e comunidades. “As empresas

muitas vezes entram fazendo essa complementação. Há uma tendência pelo trabalho realmente conjunto, com esse objetivo comum, com as organizações olhando para além do seu próprio negócio”, considera. Além de integrar entidades como o CEBDS, no início do ano a Norte Energia ingressou também no Pacto Global da ONU, um chamado às empresas para alinharem suas estratégias e operações a dez princípios universais relacionados a direitos humanos, trabalho, meio ambiente e anticorrupção.

Ademais, a companhia investe no fortalecimento de sua governança e mantém um diálogo constante com diferentes stakeholders para nortear as suas decisões e iniciativas em prol do desenvolvimento sustentável. Ações de escuta ativa e engajamento ocorrem por meio de ações comunitárias, visitas porta a porta, informes veiculados em mídias locais e de uma Rede de Comunicação Popular (ferramenta de comunicação digital, via aplicativo de mensagens). Um dos destaques é a realização, periodicamente, do Fórum de Acompanhamento Social da UHE Belo Monte (FASBM), espaço de diálogo para esclarecimento de dúvidas e troca de informações com representantes das comunidades, sociedade civil, prefeituras locais, Ibama e demais interessados que acompanham o andamento dos trabalhos relacionados ao empreendimento. A construção da própria estratégia corporativa relacionada a meio ambiente, sociedades e governança (ESG) da Norte Energia valeu-se da participação de um Conselho Consultivo, integrado por stakeholders externos com perfis e competência complementares e independência em relação à empresa.

Também a Lwart Soluções Ambientais estabelece diálogo com seus stakeholders para tornar sua atuação cada vez mais pertinente ao desenvolvimento sustentável. No ano passado, a companhia aprovou o seu Planejamento Estratégico ESG, e o processo demandou a elaboração de um diagnóstico sobre as ações da empresa, bem como a escuta ativa junto a clientes, comunidades, fornecedores, governos, associações setoriais, liderança interna e acionistas. O resultado foi a definição de quatro diretrizes de atuação, divididas em quatro temas, e de 14 objetivos estratégicos a serem perseguidos nos próximos anos. Em 2023, a Lwart definirá, ainda, metas de curto ou médio prazo em relação a cada um deles. “Não caminhamos sem observar o planejamento, tudo o que desenvolvemos considera ações ESG e o que queremos alcançar”, descreve Aylla Kipper, head de Relações Institucionais e Sustentabilidade da organização. “Não estamos nas localidades apenas para coletar resíduos ou vender uma solução, tarefas que fazem parte das nossas atividades, mas também dispostos a ouvir clientes, fornecedores, comunidades, sobre as suas necessidades e construirmos iniciativas juntos”, finaliza.



ANUNCIE NOS NOSSOS CADERNOS ESPECIAIS:

SAÚDE
TECNOLOGIA
COMPORTAMENTO
INFRAESTRUTURA
FINANÇAS
AGRO
NEGÓCIOS
BEM-ESTAR

CONSULTE NOSSA AGENDA



(11) 3167-0821

WWW.POINTCM.COM.BR
CADERNOESPECIAL@POINTCM.COM.BR

Objetivo Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares

Objetivo Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável

Objetivo Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todas e todos, em todas as idades

Objetivo Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos

Objetivo Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas

MEIO AMBIENTE

Não há mais tempo a perder

Necessidade de reduzir emissões e frear as mudanças climáticas é imediata e, segundo IPCC, há recursos financeiros e tecnológicos para isso

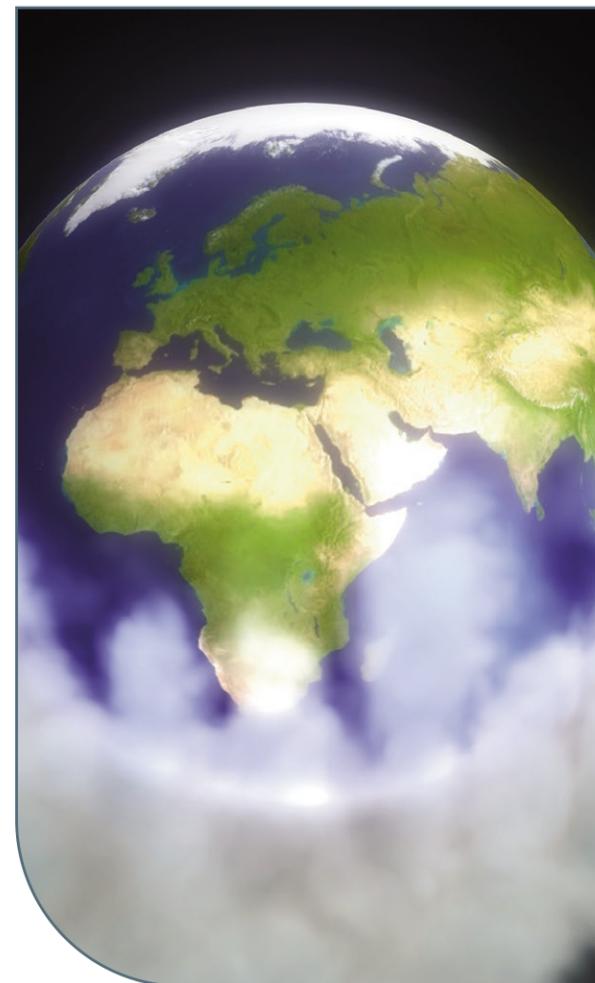
No final do primeiro trimestre de 2023, o grupo de especialistas que integra o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (sigla IPCC em inglês) divulgou um novo relatório que traz boas e más notícias. Por um lado, sinalizam que existem, atualmente, opções viáveis e eficazes para reduzir as emissões de gases de efeito estufa (GEE) e promover as adaptações às mudanças climáticas induzidas pelo homem, bem como os recursos financeiros necessários às ações. Assim, por meio do compartilhamento de tecnologias e de conhecimentos, e políticas corretas, ainda é possível evitar riscos crescentes, especialmente para grupos e regiões vulneráveis. A má notícia é que a superação do problema, na prática, segue distante. Aliás, segundo o IPCC houve, nos últimos cinco anos, aumentos constantes nas emissões de gases de efeito estufa. “O ritmo e a escala das medidas tomadas até agora, bem como os planos atuais, são insuficientes para enfrentar as mudanças climáticas”, definiram os cientistas. Para conter o aquecimento global a 1,5°C na comparação como período pré-industrial, as emissões precisam ser reduzidas quase que pela metade até 2030.

Organizações de diferentes setores e portes têm se mobilizado para conhecer suas “contribuições” às mudanças climáticas e minimizá-las. Um estudo feito pela KPMG (Grandes Mudanças, Pequenos Passos – Pesquisa Global de Relatórios de Sustentabilidade 2022), por exemplo, apurou que, no Brasil, entre as 86 maiores empresas que reportam questões relacionadas a meio ambiente, sociedade e governança, 90% já divulgaram metas de descarbonização. No final de junho, o Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), por sua vez, lançou um estudo sobre desafios das companhias na “Jornada Net Zero”, ou seja, em

direção à máxima redução nas emissões de GEE. Mais de 50 companhias, de diversos setores, participaram e sinalizaram as incertezas regulatórias, a ausência de referências setoriais e a falta de engajamento das cadeias de valor como principais entraves. Com relação ao primeiro aspecto, segundo a presidente do CEBDS, Marina Grossi, há movimentos promissores, como a discussão sobre a regulamentação de um mercado de carbono e o desenvolvimento do Plano de Transição Ecológica. Sobre a carência de referências setoriais, Marina afirma que o CEBDS identificou uma oportunidade significativa de avanço por meio da criação de planos setoriais de descarbonização, a serem construídos pelo governo com apoio da sociedade, incluindo as empresas, e que permitirão uma articulação mais efetiva para reduzir emissões. Por fim, para enfrentar o parco engajamento das cadeias de valor, um instrumento importante é a Plataforma Net Zero, lançada pelo CEBDS em 2022, que pretende acelerar ações climáticas em todas as esferas que influenciam a capacidade de as companhias reduzirem suas emissões, o que inclui, é claro, seus parceiros, como clientes e fornecedores.

“Estamos desenvolvendo uma ferramenta, na plataforma, com um passo a passo para orientar as organizações, fornecendo acesso às melhores informações globais sobre descarbonização empresarial”, conta Marina.

Empresas como a Lwart Souções Ambientais têm dedicado atenção permanente ao assunto. A companhia, cuja principal atividade consiste na coleta e refinamento de óleo lubrificante usado ou contaminado (OLUC), publicou, em 2022, seu primeiro inventário de Gases de Efeito Estufa, em linha com o que preconiza o Programa Brasileiro GHG Protocol. “O objetivo é entendermos onde estão as nossas emissões e definirmos ações consistentes para mitigá-las, com um olhar realmente científico”, comenta Aylla



chernetkiy

Kipper, head de Relações Institucionais e Sustentabilidade da Lwart. Ao longo dos últimos quatro anos, por exemplo, a companhia investiu em um projeto para minimizar o consumo de gás natural em sua unidade de refinamento e, conseqüentemente, evitar emissões. No total, a iniciativa possibilitou uma redução em torno de 80% no uso do combustível, resultado com potencial para evitar a emissão de 9.900 toneladas ao ano de CO2 equivalente.

Também a Norte Energia, operadora da Usina de Belo Monte, hidrelétrica 100% brasileira e com importância estratégica para a segurança energética do país, passou a inventariar suas emissões. Além de orientar ações de sustentabilidade relacionadas ao clima, o levantamento confirmou a eficiência na geração com baixa emissão de GEE. Ao considerar o fator médio de emissão do Sistema Interligado Nacional (SIN) em 2021, calcula-se que a UHE Belo Monte evitou mais de 4 milhões de toneladas de CO2. Segundo Silvia Cabral, superintendente Socioambiental e de Sustentabilidade da Norte Energia, o resultado reforça o fato de Belo Monte se destacar por fornecer energia renovável para milhões de brasileiros e por atuar como importante agente de descarbonização da matriz energética. As ações da companhia em prol do meio ambiente vão muito além, e incluem desde a construção de 609 quilômetros de redes de água e esgoto na região, à promoção de energias renováveis (como por meio do Energia Verde, programa que leva energia solar para aldeias do Médio Xingu) e restauração de áreas degradadas da região da Bacia Hidrográfica do rio Xingu (a empresa ingressou, por exemplo, no Floresta Viva, iniciativa liderada pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social).

Biodiversidade

O CEBDS lançou, recentemente, a Plataforma Ação pela Natureza que quer promover um movimento pioneiro do setor privado para entender, proteger e gerir suas dependências e impactos na biodiversidade por meio da implementação coletiva das novas estruturas, metas científicas e legislações internacionais. Um primeiro eixo do programa, de Impacto Positivo, contará com um grupo formado por com-

panhias que implementarão uma força-tarefa para divulgação financeira relacionada à natureza (TNFD). Já o eixo de Soluções Climáticas Naturais terá como foco a Amazônia, visando à geração de créditos de carbono por intermédio da promoção de Soluções Baseadas na Natureza (SbN), que podem fornecer até 37% das reduções de emissões necessárias para limitar o aquecimento global a 2°C até o fim do século.



Objetivo
Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todas e todos



Objetivo
Assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todas e todos



Objetivo
Promover o crescimento econômico sustentável, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todas e todos



Objetivo
Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação



Vida infinita a item indispensável

Lwart Soluções Ambientais é referência mundial em coleta e rerrefino do óleo lubrificante usado ou contaminado

Óleos lubrificantes ocupam papel fundamental e estratégico por viabilizarem o funcionamento eficiente e a longevidade de motores e máquinas indispensáveis a diversos setores e atividades. A essa constatação indiscutível, soma-se outra: a de que a destinação inadequada deles pós-consumo tem capacidade de ocasionar danos severos à saúde e ao meio ambiente. Os Óleos Lubrificantes Usados ou Contaminados (OLUC), resíduos potencialmente perigosos, podem, porém, ter um destino sustentável – e vida infinita – se corretamente coletados e rerrefinados. É justamente às atividades de recolher OLUC e transformá-lo novamente em óleo básico de alta qualidade que se dedica, prioritariamente, a Lwart Soluções Ambientais, companhia com quase 50 anos de história. “A legislação brasileira estabelece o rerrefino como único caminho correto para óleos lubrificantes usados ou contaminados, o que faz dela superior às de muitos outros países. Nos Estados Unidos, por exemplo, é permitida a queima desses resíduos, o que resulta em emissões de gases tóxicos e do efeito estufa”, explica Roberta Colleta, Head de Comunicação e Marketing da empresa, organização que se tornou referência mundial na inserção de OLUC na economia circular. Só em 2022, na unidade da Lwart em Lençóis Paulista (SP), onde acontece o rerrefino, foram processados 227 milhões de litros de lubrificantes usados ou contaminados. A partir desse volume, originaram-se 167 milhões de litros de óleos básicos. Esses produtos são comercializados, então, com indústrias de lubrificantes em que são aditivados para depois voltarem ao mercado. A Lwart detém 34,7% de market share nacional na coleta de OLUC, bem como 14% das vendas de óleos básicos no país. A posição de destaque da organização

decorre de fatores diversos. Eles incluem o pioneirismo na atividade no Brasil, a capilaridade da companhia – presente em mais de 3,4 mil municípios – e os investimentos em melhoria contínua, incluindo os direcionados a Pesquisa e Desenvolvimento e Inovação. “Somos a única empresa no país a produzir óleos básicos do Grupo II, de qualidade superior e que incrementam a performance de mo-



tores”, afirma Roberta. Segundo ela, a tecnologia de rerrefino utilizada na Lwart, de hidrotratamento, não é proprietária, porém a busca permanente por eficiência e qualidade resultou em adaptações e aprimoramentos nas soluções importadas. “As melhorias permitem que tenhamos uma capacidade enorme de rerrefino, com reatores de porte gigantesco, e sejamos benchmark para o mundo”, descreve a executiva.

Conscientização

As quantidades de OLUC coletadas e rerrefinadas no Brasil crescem anualmente, condição que decorre dos avanços em eficiência logística de empresas como a Lwart e do fato de a preocupação ambiental estar em

pauta como nunca. “Nossos serviços têm sido demandados por clientes que entendem que a destinação correta de OLUC os ajuda a avançarem em sustentabilidade e a cumprirem suas agendas em relação ao tema. Outro fator que explica o crescimento é a maior conscientização entre diferentes públicos”, relata Roberta. Ela ressalta, no entanto, que persiste a necessidade, urgente, de intensificar

óleo pós-consumo. É uma forma de contribuir com o planeta e sua sustentabilidade”, afirma Roberta.

Não existem estatísticas precisas sobre a destinação inadequada de OLUC no Brasil. Mas estima-se que o volume não é pequeno e sabe-se que os impactos disso podem ser significativos. De acordo com Aylla Kipper, Head de Relações Institucionais e Sustentabilidade da Lwart Soluções Ambientais, a queima de OLUC, prática ilegal no país, por exemplo, resulta na liberação de gases tóxicos, capazes de ocasionar doenças e agravar o efeito estufa e as mudanças climáticas. Nos casos de disposição inadequada dos óleos no meio ambiente, o contato com o solo ou com lençóis freáticos pode ocasionar danos contundentes – até mesmo irreversíveis. Um único litro de OLUC pode contaminar 1 milhão de litros de água. Segundo Aylla, as vantagens atreladas ao correto tratamento de OLUC incluem, ainda, a menor necessidade de extração de petróleo para produção de óleos básicos e redução das emissões de gases de efeito estufa oriundos do primeiro refino.

O automobilismo como via de conscientização

Dentre as ações da Lwart para disseminar a importância da destinação correta do OLUC está a aproximação a entidades de diversas categorias do automobilismo. “Para os nossos parceiros, as ações em conjunto servem para tornar as competições mais verdes. Para nós, representam uma vitrine para chamar a atenção sobre a destinação dos lubrificantes usados”, argumenta Roberta, da Lwart. Em 2022, a empresa foi responsável pela coleta e reciclagem de OLUC nos boxes das escuderias que participaram do Grande Prêmio São Paulo de Fórmula 1. No mesmo ano, iniciou uma parceria com o Rally dos Sertões, que continua em 2023, quando a Lwart passou a ser, também, patrocinadora do evento. Recentemente, a companhia foi anunciada como responsável pela coleta de óleo lubrificante usado pelos carros em todas as etapas da Stock Car Pro Series, maior competição do automobilismo nacional.

Óleo lubrificante usado: um vilão que todo mundo precisa conhecer.

Todos os dias, milhares de pessoas trocam o óleo do carro em postos de combustíveis ou oficinas mecânicas. Mas muitos estabelecimentos ainda não descartam de maneira correta o óleo lubrificante usado. É nesse momento que um perigoso vilão pode surgir na natureza: cada litro do resíduo é capaz de contaminar 1 milhão de litros de água, sem contar o alto risco de poluir o solo e a atmosfera. Um desafio que precisa ser enfrentado por cada um de nós ao exigir sempre o descarte correto com a LWART. A líder em coletar e transformar o óleo lubrificante usado em novos ciclos para um mundo mais sustentável.

Seu desafio ambiental é nosso.



Conheça nossas soluções:
lwart.com.br



SOCIEDADE

O compromisso de levar desenvolvimento a todos

Ações visam a progressos em uma pauta ampla, que inclui da erradicação da pobreza extrema à inclusão de grupos minorizados

Entre os compromissos assumidos por todos os países signatários da Agenda 2030 está o de “que ninguém será deixado para trás”, expressão que aparece cinco vezes ao longo do documento. A tarefa é complexa, considerando-se que a desigualdade caracteriza o mundo ao longo de sua história e que isso resultou em cenários em que ainda é preciso erradicar a extrema pobreza, proteger povos originários, promover a igualdade de gêneros, proporcionar trabalho a todos e em condições dignas, garantir educação e saúde universalizadas, e criar contextos que possibilitem efetivos inclusão, proteção e respeito a grupos minorizados. Como bem sintetiza Jeffrey Sachs, o objetivo da inclusão social é um assunto inacabado em quase todas as partes do mundo e afeta inclusive países que baniram a pobreza extrema, mas continuam a registrar latentes desigualdades de renda, riqueza e poder.

Uma pauta tão ampla demanda ações também diversas. No âmbito dos governos, políticas públicas e leis podem contribuir decisivamente. Exemplos, no Brasil, são o novo Marco Legal do Saneamento Básico, que prevê a universalização do acesso aos serviços de água esgoto até 2033, e a recentemente promulgada obrigatoriedade de igualdade salarial e de critérios remuneratórios entre mulheres e homens, para a realização de trabalho de igual valor ou no exercício da mesma função. O tema da diversidade tem mobilizado também um conjunto importante de empresas, dos mais diversos setores, com ações que focam seus públicos interno e externo. Na Intercement, uma das principais companhias nacionais de industrialização e comercialização de material de construção, desenvolvem-se iniciativas para ampliar o conhecimento dos colaboradores sobre o assunto e abrir espaços a pessoas de diferentes perfis. Por exemplo, a companhia deu condições e suporte à formação de Grupos de Afinidade (GA) auto-organizados pelos colaboradores. Um deles, que reúne Mulheres, denominado Instrutoras do Amanhã, organizou inclusive um evento com participação de público externo, que reuniu mais de 400 pessoas, especialmente profissionais femininas vinculadas ao setor de construção, para debater cenários e caminhos no mercado, equidade de gênero, transformações pessoais e sociais,



Instituto Sociedade, População e Natureza: ISPN

iniciativas de emancipação e desafios e aprendizados.

Também a Lwart Soluções Ambientais criou um programa de Diversidade, Equidade e Inclusão, que já motivou ações como a realização de um diagnóstico sobre o tema na companhia, uma pesquisa qualitativa com colaboradores que integram grupos minorizados e treinamentos de sensibilização. A Norte Energia é outra companhia empenhada com essa pauta, o que se traduz, por exemplo, no avanço da participação feminina em seu quadro de profissionais (ela já chega a 30%), mas também em órgãos de governança. Recentemente a empresa conquistou o selo Women on Board, um reconhecimento internacional à presença de mulheres em Conselhos de Administração (CA). Atualmente, seis o integram na empresa (sendo cinco como membros titulares e uma como suplente).

IMPULSO

No caso da Norte Energia, também a promoção do desenvolvimento socioeconômico regional é um dos pilares estratégicos. “Como estamos operando na Amazônia, o viés ambiental é bastante óbvio, mas trazemos o olhar para as pessoas que aqui vivem. Por exemplo, há um índice elevado de desemprego, especialmente entre os jovens”, diz Silvia

Cabral, superintendente Socioambiental e de Sustentabilidade da companhia, que busca caminhos para acarretar crescimento econômico inclusivo e sustentável, fortalecer cadeias produtivas pautadas na bioeconomia e fomentar negócios de impacto socioambiental. Uma das ações de destaque é o Belo Monte Empreende, realizado em parceria com o Centro de Empreendedorismo da Amazônia (CEA).

Ela envolve moradores das comunidades da área de influência da Usina de Belo Monte - mais de 500 já participaram, sendo aproximadamente 60% mulheres - interessados em constituir negócios relacionados a produtos florestais não madeireiros, turismo, bioeconomia, agricultura família, entre outros. A ideia é auxiliar no desenvolvimento das ideias, na criação dos empreendimentos sustentáveis e na sua formalização, por meio da oferta de consultorias técnicas e aceleração. Em junho passado, a Norte Energia promoveu uma feira, em que participantes do Belo Monte Empreende puderam expor suas propostas de produtos e serviços ao público. Dentre as de destaque no programa está a de Geisiane Nascimento, 29 anos, formada em administração pelo Instituto Federal do Pará (IFPA), que desenvolveu um protótipo para fabricação de tijolos com caroços de açai, material leve, biodegradável e encontrado em grande quantidade na região do Xingu e em toda a Amazônia.

Silvia ressalta que os processos de escuta realizados nas comunidades também originam projetos na companhia. “Por exemplo, estamos iniciando um de musicalização com a população ribeirinha, que surgiu a partir de relatos sobre a necessidade de valorização e registro da sua cultura”, conta. A superintendente diz que a empresa também toma a iniciativa de mostrar a comunidades potenciais da região, como o da cadeia do cacau. “O Pará é o segundo maior produtor do Brasil, mas o produto é majoritariamente escoado para fábricas na Bahia. Identificamos nele uma possibilidade de desenvolvimento socioeconômico e então começamos a oferecer cursos e a proporcionar apoio técnico”, relata Silvia. Neste ano, a Norte Energia promoveu, como resultado de seus investimentos em sustentabilidade, o lançamento de dois chocolates do Xingu, em parceria com a empresa Cacaaway, primeira fábrica de chocolate da Amazônia, localizada em Medicilândia (PA): o Iawá, que é produzido por indígenas Xipaya e Kuruaya, que receberam apoio e treinamento via programa Belo Monte Comunidade; e o Sidjä Wahiü (que significa “Mulher Forte”), com 72% de cacau e 15% de frutas secas, desidratadas por meio de uma técnica que a agricultora Katyana Xipaya aprendeu com seu avô. Aos 36 anos, ela que é mãe, LGBTQIAPN+ e moradora da Comunidade Jericoá, na região da Volta Grande do Xingu, e participa do programa Belo Monte Empreende.

10 REDUZIÇÃO DAS DESIGUALDADES
Objetivo
 Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles

11 CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS
Objetivo
 Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis

12 CONSUMO E PRODUÇÃO RESPONSÁVEIS
Objetivo
 Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis

13 AÇÃO CONTRA A MUDANÇA CLIMÁTICA
Objetivo
 Tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos

14 VIDA NA ÁGUA
Objetivo
 Conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável

CIDADES

Índice aponta a situação nos municípios brasileiros



Kamilok

Aproximadamente 70% das 5.570 localidades nacionais apresentam níveis “baixo” ou “muito baixo” de desenvolvimento sustentável

Em meados de 2022, o lançamento do Índice de Desenvolvimento Sustentável das Cidades - Brasil (IDSC-Brasil) permitiu aos brasileiros saberem que 69,8% dos municípios do país estão em níveis “baixo” ou “muito baixo”, e nenhum em “muito alto”, no que se refere ao alcance dos 17 objetivos propostos pela ONU para 2030. Foram avaliadas as 5.570 cidades nacionais a partir de 100 indicadores. A ferramenta foi elaborada pelo Instituto Cidades Sustentáveis (ICS) em parceria com a Sustainable Development Solution Network, com o apoio do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap) e financiamento do Projeto CITInova, coordenado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). Única no mundo, é um diferencial que permite conscientizar a sociedade e orientar as ações políticas, contribuindo para uma visão integrada dos desafios e para identificação de temas prioritários para investimentos.

O acesso ao IDSC-Brasil pode ser feito por intermédio do site do Programa Cidades Sustentáveis (PCS) – www.cidadessustentaveis.org.br –, que desde 2012 atua para sensibilizar e mobilizar governos locais para a adoção de políticas públicas estruturantes, capazes de contribuir para que as cidades sejam mais justas e obtenham, melhores desempenhos econômico e ambiental. O PCS oferece a gestores uma plataforma com conteúdos, ferramentas e metodologias de apoio, que inclui sistema de monitoramento de indicadores, banco de boas

práticas, orientações para a construção do Plano Urbano Integrado, Sistema de Informações Geográficas (SIG), guias, publicações, entre outros.

Pelo Brasil surgem outras iniciativas voluntárias que reúnem empresas e/ou cidadãos para promover a sustentabilidade nas cidades ou mesmo em regiões específicas delas. Em São Paulo, por exemplo, a Associação Viva Paulista, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, lançou em 2021, um programa que visa a fazer da região da avenida mais famosa da metrópole um Distrito Sustentável Local. “Ele está direcionado a seis eixos de atuação: eficiência energética, uso racional de água, destinação final de resíduos eletroeletrônicos,

redução da poluição, mobilidade sustentável e educação ambiental”, descreve Livio Giosa, atual presidente da entidade, que em 2012 recebeu da ONU o reconhecimento como um dos dez Líderes Globais em relação à sustentabilidade. Desde o lançamento do programa, a Paulista Viva já promoveu ações como intervenções em prédios representativos do complexo da Avenida – brevemente, um deles será o primeiro da via com abastecimento com energia fotovoltaica –, seleção de parceiros e soluções sustentáveis, promoção da Coleta Verde, (em parceria com a Associação Brasileira de Reciclagem de Eletroeletrônicos e Eletrodomésticos - Abree), instalação de lixeiras e coletores de bitucas (com gestão correta dos resíduos), distribuição de Cartilha Sustentável e realização de palestras em empresas e escolas. Além disso, a entidade mantém diálogo constante com o poder público e busca reforçar o engajamento de diferentes grupos com o programa, que não tem data para terminar. Afinal, como lembra Livio, a sustentabilidade é uma jornada constante.

Objetivo

Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade



Cresce a busca por certificação para edificações sustentáveis

A indústria da construção civil, um dos setores mais importantes da economia brasileira, também busca, adota e oferece cada vez mais soluções para ampliar a eficiência e reduzir potenciais impactos negativos de seus produtos e serviços. Um dos caminhos nesse sentido é a certificação de “construções verdes”, que, de acordo com Felipe Faria, CEO do Green Building Council Brasil (GBC), é cada vez mais demandada no país. Já existem mais de mil projetos atestados como sustentáveis em todos os estados brasileiros, número que deve crescer substancialmente nos próximos períodos. Ano passado, os pedidos por certificação já aconteceram em volume recorde (foram 219), e em 2023 um novo é feito a cada dia útil. Os motivos para isso são tão evidentes como variados. Para a sociedade, segundo Felipe, os green buildings trazem ampliação nas condições de conforto, saúde e bem-estar, refletidas até mesmo em diminuição no tempo de recuperação de pacientes e melhor aproveitamento de alunos em escolas, e em melhoria em bairros e cidades, com melhor controle de poluição em canteiros de obra, restauração e preservação do habitats naturais, descontaminação de áreas, estímulos a transporte de baixa emissão, contribuição no retardamento do efeito enchente e do de ilhas calor, criação de novos empregos qualificados, entre outros. “Com relação ao meio ambiente, na média, o potencial de redução do consumo de água nas edificações tem sido de 50%; em relação à energia, de cerca de 25% comparado a normas técnicas de eficiência energética; e 85% dos resíduos gerados de obra estão sendo desviados de aterros sanitários. Em alguns casos já podemos citar exemplos de edificações “Net Zero”, detalha Felipe. Por fim, no âmbito econômico, vantagens são sentidas por diferentes stakeholders, do poder público, passando por incorporadores e construtores, e chegando aos consumidores. “Considerando o ciclo de vida de uma edificação de 50 anos, apenas 15% do custo é construção e 85% é custo de operação e manutenção. Os green buildings podem reduzir os custos de operação ao ponto de um prédio residencial com poucas unidades economizar em contas condominiais, em 50 anos, o equivalente a um novo apartamento ao morador”, exemplifica. Felipe explica que a GBC Brasil utiliza as certificações como ferramentas de transformação de mercado, e que o processo para as obter inclui o atingimento de metas acima do que as exigidas em normas técnicas que disciplinam os sistemas de uma edificação.

O CEO diz, ainda, que o custo de uma construção sustentável é cada vez mais próximo do de uma convencional. “Mas, considerando as muitas vantagens já citadas, o custo deixou de ser uma questão para as construções verdes. O movimento atingiu novo patamar: boas práticas estão se difundindo independentemente de uma obra buscar certificações. Tecnologias para uso eficiente da água, metodologias de processos construtivos industrializados com baixa geração de resíduos, geração de energia renovável, declaração ambiental de produto, se tomaram resultados efetivos do movimento de green Building”, finaliza.

PARTICIPAÇÃO

A responsabilidade de cada um

Brasileiros revelam querer reduzir seus impactos sobre o planeta, e pequenas ações podem contribuir para um mundo melhor

A atuação engajada de governos e organizações públicas, sociais ou privadas na busca pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, é preciso que se some a de cada cidadãos. A participação pode e deve ocorrer nos debates e cobranças relacionadas aos temas vitais ao futuro da sociedade e do planeta, assim como por intermédio de práticas cotidianas simples, como optar por um meio de transporte menos poluente ou separar os resíduos domésticos para que eles tenham um destino adequado e ainda possam proporcionar renda a trabalhadores. No ano passado, a pesquisa Vida Saudável e Sustentável, realizada pelo Instituto Akatu, ONG que trabalha para mobilizar a sociedade para um novo jeito de viver com consumo consciente e mais bem-estar coletivo, em parceria com a consultoria GlobeScan, apontou que 84% dos brasileiros querem reduzir seu impacto individual sobre o meio ambiente e a natureza, contra 73% da média mundial (o estudo aconteceu em 31 países). Ademais, por aqui 81% dos respondentes afirmam que o que é bom para um indivíduo nem sempre é bom para o meio ambiente, contra 46% na média

mundial. Outro ponto relevante é que o grupo entrevistado nacionalmente indicou encarar como mais sérios os problemas globais do que os de outras nações – entre 15 a 30 p.p. acima.

CAMPANHAS

Se há disposição em ajudar e preocupação com o futuro do planeta, é preciso colocar mãos à obra e mudar hábitos. Para contribuir nesse sentido, a Organização das Nações Unidas (ONU) mantém ativas campanhas como a Act Now (Aja agora) e a Be the change – Take the Challenge (Seja a mudança – Assuma o desafio). Ambas sugerem medidas e tarefas cotidianas em favor de um mundo melhor. Na Act Now (acessível aqui - <https://www.un.org/es/actnow/> - ou via aplicativo em smartphones), há dicas para ajudar na construção de “um planeta saudável”, de “uma sociedade justa”, de “uma melhor economia” ou, ainda, de “um mundo que trabalha unido”. No app da campanha, o usuário pode registrar seus bons hábitos e medir o impacto deles, bem como sugerir práticas para reduzir a sua pegada de carbono ou poupar água ou energia.

Há espaço, ainda, para participar de sessões educativas, de desafios de grupo, receber conselhos e fazer quizzes. Já a segunda campanha pretende dar a oportunidade para todos “fazermos o que falamos” quando se trata de ODSs. Dentre os recursos disponibilizados na Be the change está o Guia do Preguiçoso para Salvar o Mundo, que indica como contribuir com a sustentabilidade inclusive sem sair do sofá.

TESTE

O Instituto Akatu também proporciona uma ferramenta para as pessoas conhecerem mais sobre o seu grau de consciência socioambiental e encontrarem caminhos mais saudáveis e sustentáveis, o Teste do Consumo Consciente (acessível em tcc.akatu.org.br). Ao responder perguntas simples sobre alimentação, transporte e uso de água e de energia elétrica, entre outros, pode-se ter uma avaliação que contribui para a reflexão em relação a excessos e desperdícios, por exemplo, e a influenciar amigos, colegas e familiares a fazerem o mesmo. O teste indica o tipo de consumidor de quem o realiza: indiferente, iniciante, engajado ou consciente.



Objetivo

Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis



Objetivo

Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável

Relatório de Sustentabilidade 2022



A concessionária da Usina Hidrelétrica Belo Monte apresenta seu **Relatório de Sustentabilidade 2022**, ano em que a Norte Energia obteve o Selo Ouro por seu Inventário de Gases de Efeito Estufa.

Enquanto batemos recorde de geração de energia renovável, nosso relatório demonstra que, mais do que garantir energia para o Brasil, mantemos nosso compromisso de atuarmos como agente desenvolvedor das regiões onde estamos.

Nossa atuação está pautada na proteção da Amazônia com foco na bacia do Xingu e fortalecimento socioeconômico das comunidades.

Acesse a publicação no QR Code ao lado e boa leitura.



Saiba mais em nortenergiasa.com.br



norteENERGIA
USINA HIDRELÉTRICA BELO MONTE